

Aviso aos navegantes

• A menos de uma semana da eleição, com a fatura federal prestes a ser liquidada, os caciques dos partidos que apóiam o presidente Fernando Henrique Cardoso já estão mandando recados alarmados. PMDB e PFL estão preocupados com a temporada que começa no dia 5 e acaba em 25 de outubro — a do segundo turno. Daí os avisos ao Planalto: manter distância das disputas entre aliados e não atrapalhar com medidas impopulares.

O PMDB, que pode acabar pendurado no segundo turno em cinco estados — Pará, Minas Gerais, Rondônia, Distrito Federal e Piauí — é o mais inquieto. No DF, a disputa é com o PT, em Rondônia e no Piauí é com o PFL. Mas o que preocupa é que, no Pará e em Minas, a briga de Jader Barbalho e de Itamar Franco é com os tucanos Almir Gabriel e Eduardo Azeredo, governadores que tentam a reeleição.

Temem os peemedebistas que, com a vida ganha e sem necessidade mais de conquistar votos, o presidente ceda às pressões do PSDB para ajudar os amigos tucanos. Sabem que essas pressões virão sob a forma de argumentos que podem parecer sedutores a FH: quanto mais governadores tucanos eleger, menos dependerá do PMDB, do PFL e do PPB. E menor espaço terá que ceder a esses partidos num segundo mandato.

Além disso, prosseguem os advogados do diabo, não seria esse o momento de acertar velhas contas como, por exemplo, aquela relação mal resolvida com Itamar Franco? Adversários do ex-presidente afirmam que seu sucessor vem suportando calado até aqui as críticas de Itamar por receio de vê-las ampliadas num bombardeio que lhe trouxesse prejuízos eleitorais. Nem por isso, porém, estaria menos irritado. Uma vez eleito, FH ficaria então livre e disposto a ajudar Azeredo, até por considerar que Itamar governador lhe traria mais dores de cabeça do que a reeleição do tucano. Este é o raciocínio de alguns mineiros dos mais desconfiados.

A questão com Jader é diferente, mas também delicada. Afinal, o senador acaba de ser eleito presidente do PMDB pelo grupo do partido que sempre lutou para apoiar Fernando Henrique. Conhecido pela virulência verbal, Jader pode provocar um estrago na base governista caso perceba que andou sendo passado para trás na eleição paraense.

Peemedebistas federais e tucanos já andaram se estranhando na eleição do Pará por conta das obras da BR-222. Jader e o ministro dos Transportes, Eliseu Padilha, assumiram sua paternidade e Almir Gabriel, que colocou dinheiro do estado na obra, não gostou.

Padilha tem sido, por sinal, um dos portadores dos recados de seu partido ao presidente. O ministro tirou férias para trabalhar na campanha e ontem estava em Viamão (RS), na Grande Porto Alegre, garantindo que Fernando Henrique,

depois da visita de sábado, conseguiu recuperar os pontos perdidos no estado. A mesma certeza ele afirmava ter de que o presidente não vai entrar na bola dividida da campanha no segundo turno.

— Fernando Henrique será presidente da República no segundo turno, não vai entrar onde houver disputa de aliados. Não vai querer brigar com o PMDB, nem com o PFL e nem com ninguém — diz Padilha.

O ministro dos Transportes tem tentado tranquilizar seus companheiros de PMDB também em relação ao outro temor que bateu forte nos últimos dias. O de que o Governo baixe um pacote de ajuste fiscal de emergência com medidas que arranhem a popularidade de seus aliados entre o primeiro e o segundo turnos. Padilha assegura que esses temores, que já chegaram ao Planalto, não têm fundamento:

— As medidas do ajuste fiscal não vão atropelar a vida de ninguém. O presidente já deixou claro que aumento de impostos, só em último caso. Se for necessário, só com a reforma no ano que vem.

Se esse discurso acalma, ninguém sabe. A esta altura, tem muito candidato de cabelo em pé. E, daqui para a frente, o certo é que a choradeira vai aumentar.

Embora menos alarmados do que o PMDB, que terá boa parte de sua influência no futuro governo dada pelo desempenho no segundo turno, o PFL, o PPB e o PTB também terão suas pendências. Em São Paulo, se o adversário de Paulo Maluf for Mário Covas, pefelistas e pepebistas vão reclamar neutralidade. Se for Francisco Rossi, vão querer apoio explícito — o que, para FH, pode ser a pior das situações.

Se for reeleito no domingo, o grande desafio de Fernando Henrique será administrar, sem maiores estragos, as três semanas que separam o primeiro do segundo turno em meio a uma crise financeira que exige medidas rápidas, como o ajuste fiscal de emergência e a negociação com o FMI.

FH vai sair das urnas para se equilibrar numa espécie de corda bamba. Ele tem repetido que não deixou nem deixará de tomar por conveniência política qualquer providência para fazer frente à crise. Nem pode. Mas sabe que o desfecho da eleição nos 11 ou 12 estados em que haverá segundo turno vai aumentar ou reduzir o grau de governabilidade de seu segundo mandato e o apoio que terá para aprovar essas mesmas providências.